

## CAPÍTULO 4

## “VIVER DENTRO DAS HORTAS”

---

No presente capítulo, procura-se compreender algumas dimensões sociais (económica, jurídica, relacional, e outras) da água de rega de uso comum no Regadio da *Mina do Nascente*, e a partir delas especificar algumas características da sociedade rural onde está inserido. Interessa-nos especialmente compreender como os regantes em questão gerem as situações de excesso ou míngua de água de rega, tentando ao mesmo tempo, manter uma boa relação entre si sem contudo prejudicar a respectiva horta.

#### 4.1. O Almarginho de Salir – resenha histórica e geográfica

Localizado a Oeste do castelo de Salir, a menos de 1km de distância da Vila, o *Almarginho* era nos anos 70 do século XX um dos lugares mais populosos de toda a Freguesia de Salir com cerca de 105 habitantes<sup>1</sup>. De famílias numerosas, casas muito juntas formando um cordão ao longo de uma artéria principal; aqui afluíam pessoas da *Portela da Nave*, *Eira Velha*, *Covões*, *Deserto*, *Funcheira*, *Cerro de Cima* e *Cerro de Baixo*, que dirigindo-se às hortas aproveitavam também para fazer as compras numa das duas mercearias existentes. Da vizinha freguesia de Querença, da aldeia da Tôr, vinham rapazes aos conhecidos bailes que se realizavam aos fins-de-semana no *salão da Ti'Estrudes* (década de 1950).

Ocupando uma estreita faixa de *barrocal* entre duas várzeas, nos últimos relevos já encostados à Serra, o Almarginho encontra-se rodeado de hortas por quase todos os lados. A Norte localizam-se as hortas do *Almarge* tendo o Cerro dos Negros como pano de fundo, a Sul estendem-se as hortas do *Olheiro* e do *Barranco* delimitadas pelo Cerro Cabeça da Areia atrás do qual se localiza a Nave do Barão, a Este localizam-se a *Corriola*, *Olhinho Veado*, a *Quinta* e as *Terras Pretas*. No extremo oposto, a Oeste, o Almarginho pega com o *Barreiro*, o *Cerro de Baixo* e o *Cerro de Cima*, seguindo-se a *Pena de Cima*.

Apesar de *viverem dentro das hortas*, antes da grande vaga de emigração nos anos 60 (séc. XX), grande parte da população do Almarginho não possuía terras de regadio. As hortas que cultivavam eram arrendadas ao *Guerreiro Professor*, aos *Valentes...* ou seja às famílias

---

<sup>1</sup> Recenseamento efectuado em 1972 por José Viegas Gregório então presidente da Junta de Freguesia de Salir (dados cedidos pelo próprio).

mais abastadas da zona, e a outros como o *Dias da Portela* e o *Joaquim Pedro* que embora menos abastados não necessitavam de trabalhar para fora por possuírem no *Nascente* ou em outras zonas que circundam o Almarginho terra de horta e outras propriedades. No entanto, a grande proximidade da povoação às hortas e conseqüentemente à água, assim como à sede de Freguesia, tornaram o Almarginho “*um sítio<sup>2</sup> bom de se viver*” para quem ali habitou ao longo de praticamente todo o século XX. Onde, ao contrário de muitas povoações do Barrocal, as tarefas de acartar água, lavar a roupa, tratar da horta, faziam-se muito perto de casa. Tão perto que, como veremos, não chegavam a ser uma verdadeira preocupação.

Na *Nave do Barão<sup>3</sup>* por exemplo, até aos anos vinte do século XX altura em que foi aberto pela população um poço público na *Lagoa da Nave*, e mesmo depois dessa data quando o poço se secava, homens, mulheres e crianças subiam e desciam diariamente o *Cerro Cabeça da Areia* pelo *Caminho da Zimbreira* num percurso de cerca de 2 km em direcção à *Fonte Figueira* (fonte mais próxima) perto do Almarginho, na árdua tarefa de ir à água<sup>4</sup>. Também no Povo de Salir, apesar do primeiro furo de captação de água subterrânea para o abastecimento de água público ter sido aberto em 1955 perto do *Olho<sup>5</sup>*, só em 1982 se iniciaram as canalizações para o abastecimento de água da rede às casas<sup>6</sup>. Até aí, a água era toda acartada para casa a dorso de animal (macho ou burro), transportado à cabeça ou ao quadril (por mulheres), ou ao pulso (por homens) a partir do poço mais próximo localizado na *Várzea do Poço* a quase um quilómetro de distância por caminho ladeiro. Situações semelhantes viviam-se nas restantes Freguesias do concelho de Loulé<sup>7</sup>.

Todavia, nas Memórias Paroquiais de 1758 (séc. XVIII) do Concelho de Loulé, não se faz qualquer menção à existência do Almarginho na Freguesia de Salir, quando são enumerados e designados os setenta e cinco lugares que a compõe, sendo no entanto referidos topónimos como *Nave do Barão Martins*, *Portela*, *Serro*, *Cazas de Martinho Annes*, *Pena* (Martins, 2004: 417), todos localizados perto do Almarginho de hoje. Dada a sua grande

<sup>2</sup> O termo ‘*Monte*’ também é utilizado pelas mesmas pessoas quando se referem ao Almarginho.

<sup>3</sup> Localidade mais populosa que o Almarginho.

<sup>4</sup> Em média cada família consumia diariamente a água de dois cântaros, um para consumo humano e outro para os animais domésticos. Geraldino Brites (1914) faz uma interessante contabilização da água consumida na obra *Febres Infecciosas (Notas sobre o concelho de Loulé)*, (Brites, 1914: 214).

<sup>5</sup> Nascente que alimenta a *ribeira de Salir*, localizada próximo do Morgado de Salir, com cuja água se regavam as hortas no Morgado.

<sup>6</sup> Fonte: Manuel Viegas Gregório.

<sup>7</sup> Na freguesia de Querença por exemplo, o início das obras para o abastecimento de água da rede ao domicílio ocorreu apenas em 24. 01. 1997, (Fonte: Câmara Municipal de Loulé). O acesso desigual das populações à água ao longo de todo o séc. XX conduziu a ritmos de vida diversos; mesmo actualmente, o acesso à água é desigual por vezes no seio de uma mesma freguesia, levando algumas pessoas a aproveitar a *água das goteiras* proveniente da chuva, que descendo pelo telhado vai acumulando em recipientes diversos.

proximidade à sede de freguesia, julgamos pouco provável que o Pároco de então o tenha omitido por esquecimento ou desconhecimento. Assim, nos moldes em que hoje o conhecemos, a história da sua origem contada por alguns dos actuais habitantes, na sua maioria idosos, afigura-se-nos digna de crédito: Manuel Miguel, um abastado empreiteiro de estradas, oriundo de Santa Bárbara de Nexe, terá caído na pobreza por confiar demasiado nos seus empregados que o enganaram; vendo-se na miséria recorreu à ajuda de um tio rico que lhe cedeu terras no Almarginho (terrenos de sequeiro) para onde foi residir com a sua esposa, e onde acabaram por nascer os seus filhos e mais tarde os netos. Este nome, *Manuel Miguel*, ocupa um lugar especial na memória dos mais velhos que o relembram como sendo o antepassado comum de boa parte dos habitantes do Almarginho, e o primeiro habitante daquele lugar, em finais do séc. XIX<sup>8</sup>.

#### 4.1.1. O Almarginho no século XXI

Em 2005 habitam no Almarginho trinta e três pessoas, treze homens e dezanove mulheres, das quais vinte e duas (66%) possuem cinquenta anos ou mais, e destas, quinze (45%) têm mais de setenta anos, residindo aí unicamente dois casais com filhos pequenos (recenseamento próprio). Comparativamente à década de 70 do século XX verifica-se um decréscimo de população residente na ordem dos 69%<sup>9</sup>. Em contrapartida, formaram-se novas vizinhanças como a *Recta do Prazo* e a *Cavaca* onde alguns emigrantes oriundos do Almarginho construíram casas maiores e mais distanciadas de outras.

Mas mesmo com quase metade das casas existentes vazias, umas em ruína outras pertencentes a emigrantes que apenas regressam de férias em Agosto, com uma população residente envelhecida, e apenas a mercearia da *Gracinha* a funcionar, o Almarginho de hoje, continua a impressionar pela sua grande proximidade a uma vasta área de hortas e respectivas infra-estruturas hidráulicas (poços, minas, sobretudo noras), marcas de uma ruralidade passada que embora hoje deteriorada continua aqui a ser mais visível que em outros lugares. E ainda que praticamente todos tenham a sua horta junto à casa dispondo de água de furo própria, continuam a funcionar muitos dos regadios (a partir de noras<sup>10</sup> e minas) que circundam a povoação. Assim, é comum ver homens com a enxada às costas que se deslocam

---

<sup>8</sup> Data calculada a partir da genealogia dos actuais regantes no *Nascente*, Anexo B, Figura 12.

<sup>9</sup> Entre 1940 e 1960 registaram-se aumentos da população no Almarginho a par do Barranco do Velho, Cortelha e outros, baixando nas décadas seguintes (Rosado, 1986: 44).

<sup>10</sup> O número de noras existente é muito superior ao assinalado na Carta Militar 588 de 1980.

a pé até esses conjuntos de hortas, mulheres pelas ruas a transportar *feixes de erva* em alcofas para dar de comer ao burro ou a outros animais.

Não raro, aquando das lavras, encontram-se nas terras cacos de cântaros de barro (que acidentalmente foram trazidos da antiga estrumeira para a horta com o estrume – assim justificam os agricultores). Também junto às casas, nos quintais a testemunhar um passado recente e ainda bem vivo na memória das gentes encontramos os cântaros em zinco hoje fora de uso; objectos que em outras povoações se encontram fora do alcance das vistas dos transeuntes.

#### 4.2. Hortas do Almarge

Tendo como ponto de referência o Almarginho, a zona de hortas que corresponde ao *Almarge* localiza-se a Norte estendendo-se de NO para NE por terrenos de várzea. A zona em questão tem no entanto, à semelhança das restantes zonas de horta, limites pouco claros quando se trata de saber onde começa e onde termina<sup>11</sup>. Algumas pessoas incluem nesta zona o *Brejo* e as hortas da *Quinta*, outras chegam mesmo a incluir as *Terras Pretas*. A opinião é no entanto unânime quanto ao considerar como epicentro da área, o Regadio da Mina do *Nascente*; dizia um informante que “o *Nascente* é a fonte do *Almarge*”. Esta variação parece estar relacionada com o alcance territorial das levadas do *Nascente*: ainda nos anos 50 do século XX a sua água regava hortas até ao *Olho*, estando abrangidas o *Brejo*, a *Quinta* e as *Terras Pretas*. Vendo diminuída para menos de metade a área de regadio, pela sucessão de anos secos ou pela autonomização das restantes hortas em água de rega proveniente de poços ou noras, o *Almarge* terá adquirido outros contornos.

Comparativamente às restantes zonas de horta que circundam o Almarginho, onde predominam as noras (*Barranco*, *Olheiro*, *Corriola*, *Terras Pretas*), as terras do *Almarge* são consideradas mais frescas, dado que por ali correm ininterruptamente as águas de dois nascentes, a água da *Mina do Tanque* e a água da *Mina do Nascente*. A jusante, no *Brejo*, para onde vão escorrendo as águas da chuva tornando os terrenos aí alagadiços, foi aberta na perpendicular uma *alberca*<sup>12</sup> para fazer o escoamento dessas águas e enxugar a terra. Nesses terrenos a rega foi sempre mais controlada; um informante recorda a rega de batatas-doces feita a balde, a partir da água da levada.

---

<sup>11</sup> Ver Figuras 9 e 10, Anexo B.

<sup>12</sup> Canal de circulação de água, também denominado pelas populações de *vala* e *arregueira funda*.

No *Almarge* coexistem lado a lado variados sistemas de rega: o sistema de rega por gravidade que caracteriza o *Nascente*, e outros sistemas de rega mais modernos a partir de água de poços ou noras tirada a motor, aos quais se adaptaram os sistemas de rega gota a gota, e os *chuveiros*. Sendo comum, no Verão, ouvir-se o trabalhar (em simultâneo) de diversos motores de rega.

Longe de ser um ermo, nesta zona sente-se uma presença humana constante. Do Almarginho soam animais domésticos (os galos, os cães), ouve-se a buzina do padeiro que diariamente percorre os diversos lugares. Da igreja de Salir, sobranceira às hortas, soam a cada hora as badaladas do sino. Uma presença humana que seguramente não é recente, a comprova-lo estão as muitas árvores seculares existentes (alfarrobeiras e oliveiras), assim como a presença de uma fortificação muçulmana (Catarino, 1998) nas suas proximidades, o Castelo de Salir.

### 4.3. O Regadio do “*Nascente*” – Ano agrícola 2005/2006

#### 4.3.1. Aspectos gerais

O *Nascente* ou *Nascedio*, também conhecido por *Mina dos Covões* nome que lhe advém do seu presumível patrocinador, é actualmente um dos regadios colectivos com o maior número de regantes no activo a funcionar entre o Almarginho de Salir e o Almarjão de Querença<sup>13</sup>. A tendência para a privatização das águas de rega e a *relocalização* das hortas junto das casas possibilitada pela emigração (anos 60 séc. XX) votou ao abandono a maioria das hortas de ribeira onde se localizavam os principais regadios colectivos<sup>14</sup> de águas partilhadas (Prista, 1993). O menor abandono deste regadio deve-se sobretudo à sua proximidade a um conjunto habitacional considerável e a boas vias de acesso, aproximando pessoas e hortas<sup>15</sup>; revelando-se-nos por isso ideal para estudar as relações sociais que se

---

<sup>13</sup> Ver Quadro 6, Anexo B.

<sup>14</sup> Ver Figura 8, Anexo B.

<sup>15</sup> A montante da Fonte Benémola, já no perímetro administrativo da freguesia de Salir, junto do leito da *Ribeira da Corte Neto* (Ribeira dos Moinhos), com a mesma localização que o *Moinho das Romeiras*, existiu em tempos o sítio da *Ribeira* com as suas hortas. Desabitado desde o início da década de 70 do séc. XX (altura em que aquele moinho deixou de funcionar), neste sítio chegaram a residir da década de 1950, 40 moradores. Entre as razões apontadas por alguns ex-moradores do sítio para o seu despovoamento total, estão a perda de importância da actividade agrícola e a necessidade de se viver na proximidade de vias de comunicação que lhes permitisse aceder mais facilmente a outros locais que entretanto haviam adquirido maior protagonismo enquanto centros empregadores; assim como a emigração para um país estrangeiro. Também a diminuição da água da ribeira é apontada como causa do abandono daquelas hortas.

estabelecem entre os diversos regantes e a gestão do regadio que daí resulta, bem como perceber as suas transformações ou permanências ao longo dos tempos.

A origem temporal da mina não foi registada pela memória de 4/5 gerações, o que nos leva a presumir que a sua data de perfuração seja anterior a 1900<sup>16</sup>. Além do *Nascente* outros regadios colectivos existem na área, como é o caso das noras de companhia. No entanto, nenhum deles se assemelha ou alguma vez se assemelhou em dimensão ao regadio do *Nascente*, este só comparável ao *Morgado de Salir* ou ao *Pomar*, quer em termos de área regada como em número de regantes, embora o regime de exploração da terra e o seu funcionamento fossem durante o século XX<sup>17</sup> na sua essência diferentes. Enquanto que o *Morgado* e o *Pomar* eram propriedade de um só dono, onde, em regime de arrendamento se podia cultivar uma horta, mas sempre difícil de conseguir; no Almarge, as hortas regadas a partir da água do *Nascente*, eram pertença de vários donos que as davam para cultivar de meias<sup>18</sup> a quem não possuía terras de regadio. No *Morgado* e no *Pomar* a rega era organizada em *giro*<sup>19</sup> semanal ao contrário do *Nascente*, como veremos mais adiante.

O caudal do *Nascente* é permanente durante o ano inteiro. Dos actuais regantes nenhum se recorda de alguma vez a água da mina<sup>20</sup> ter secado. No entanto, os mesmos concordam que no mês de Agosto a água atrasa sempre; se no início do Verão regam ao mesmo tempo entre 3 a 4 pessoas, em Agosto só conseguem regar duas e nos anos mais secos apenas uma.

A água de rega circula por gravidade, sem custos de energia ou combustível, até aos *canteiros de horta*. Os 15 regantes actualmente no activo encontram-se distribuídos por duas levadas: na *alevada de cima* alinham-se 8 regantes para 13 parcelas regadas, e na *alevada de baixo* 8 para 12 parcelas regadas. O que significa que alguns regantes possuem vários *canteiros* de horta repartidos pelas duas levadas (cada canteiro com cerca de 1,5 m de largura

---

<sup>16</sup> Para averiguar a sua origem exacta teria sido necessário uma pesquisa mais aprofundada que não nos coube neste trabalho. Podemos no entanto afirmar que, na bibliografia geral sobre o Algarve e em particular sobre a freguesia de Salir não há qualquer menção a este regadio.

<sup>17</sup> Fazemos apenas referência ao século XX porque é até onde vai a memória dos nossos informantes.

<sup>18</sup> Existiam duas modalidades no sistema de meias: 1) quando o dono da terra contribuía com metade da semente e do adubo, tinha direito a metade da colheita; 2) quando o dono da terra não contribuía nem com as sementes, nem com o adubo, cabia-lhe apenas um terço da colheita. Normalmente “as meias era o serôdio”, depois do dono semear o trigo. Segundo alguns informantes, a situação de arrendamento era preferida ao regime de meias: “Quem tinha dinheiro era melhor arrendar, porque a gente fazia o que queria”. Todavia não era fácil conseguir-se dinheiro líquido para arrendar uma horta, assim como também não era fácil encontrar uma terra de regadio disponível para arrendar.

<sup>19</sup> Termo com significado semelhante a turno de rega.

<sup>20</sup> Actualmente, a entrada da mina parcialmente derrubada e com teias de aranha, não deixa antever a continuação da galeria; numa das suas reentrâncias encontramos sempre um fundo de garrafa ou garrafão com que alguns regantes bebem água.

em média)<sup>21</sup>. O número de saídas para rega tem variado ao longo dos tempos, chegando a variar de ano para ano, consoante a área cultivada. Alguns dos canais, os mais distantes da mina, apresentam-se em estado fóssil, nomeadamente os que iam regar a zona de hortas da *Tramagueira*, do outro lado da ribeira do *Barrancão*, assim como fazer moer o moinho que aí existiu. A levada que passando pelo *Brejo* atravessava um barranco em tubo de zinco até às *Terras Pretas* encontra-se destruída, tendo sido danificada aquando do arranjo do caminho que liga o Almarginho a Salir. Portanto, o abandono das hortas é menor nos terrenos junto à mina, mas mesmo assim algumas destas hortas intercalam com faixas de mato, dificultando por vezes a passagem dos regantes até aos seus canteiros, apesar de existir entre as levadas e os canteiros de horta, uma passadeira elevada de cerca de meio metro para os transeuntes passarem.

Nesta área de hortas, a terra encontra-se mais dividida que nas restantes zonas circundantes ao Almarginho. De pequena dimensão apenas têm como separação entre si os marcos localizados nos seus extremos. Apenas uma das hortas, contornada em dois lados pela levada, possui um muro lateral de protecção com pequenos orifícios na sua base; ao mesmo tempo que fica delimitada das demais, o muro impede as infiltrações da água da mina, e os orifícios na sua base possibilitam a drenagem das águas em excesso se as houver na horta.

Quase paralelamente à mina do *Nascente*, a alguns metros de distância para o seu lado direito, localiza-se a *Mina do Tanque*, cujo caudal embora permanente é inferior ao da mina do *Nascente*. Entre as duas minas existe uma levada que permite a ligação entre os dois regadios, e conseqüentemente a utilização simultânea das duas águas para uma maior pressão na rega das hortas. Salvo na situação em que a água da *Mina do Tanque* está permanentemente a regar os agriões no *canteiro (PR1)*<sup>22</sup>, por norma, a água da *Mina do Tanque* está direccionada para o regadio do *Nascente*, misturando-se com esta no pego do *Nascente*<sup>23</sup>. Na mesma encosta, a montante da *Mina do Tanque* localizam-se mais três minas de água e seus respectivos tanques, das quais apenas o *Tanque da Julieta* possui água suficiente para regar uma horta. A jusante da mina do *Nascente*, localiza-se ainda a mina da *Fonte de Santa Maria* que actualmente só tem água em anos de grande Invernía, dela dizem que curava a sarna.

---

<sup>21</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>22</sup> Ao contrário da Mina do Nascente, esta mina possui um proprietário bem definido, cuja parcela de terra é contígua. Essa parcela de terra (PR1) encontra-se arrendada, e conseqüentemente a água também.

<sup>23</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

O Verão de 2005 foi, do ponto de vista meteorológico, um dos mais secos de que há memória, só comparável à seca de 1945<sup>24</sup> segundo a população. Na área em estudo, encontravam-se completamente secos, o *Pegão de Salir* e a *Fonte da Benémola*, fenómenos que causaram uma enorme angústia nas populações locais pela falta de referente. Para fazer face à falta de água de rega foram afundados poços e noras, e nos leitos de algumas ribeiras foram abertos buracos. Perto do Almarginho, na zona de hortas do *Barranco* foi afundado o poço do *Manuel Cova*, os herdeiros da *Nora da Companhia* (localizada no *Olheiro*) reuniram-se para em conjunto se decidirem pelo afundamento da nora. Na *ribeira do Olho* perto do *Morgado de Salir*, com uma máquina retro escavadora foi aberta uma cova no leito da ribeira para com essa água regar uma horta localizada na margem da dita ribeira<sup>25</sup>. Um pouco por todo o lado, quem tem hortas junto do leito de ribeiras, na falta de água nos açudes, viu-se obrigado a puxar água directamente das últimas poças de água existentes nas ribeiras por via de um *chupador*<sup>26</sup> (tubo de plástico que puxa água através de um motor) para salvar os parques cultivos.

Apesar disso, o caudal do regadio do *Nascente* manteve-se com um fio de água com o qual ainda foi possível regar algumas hortas, as mais próximas da mina, então semeadas de milho, feijão, tomates, alhos, batatas-doces... Algumas árvores de fruto, laranjeiras, diospireiros... salpicam aqui e acolá algumas hortas.

Quadro 4 – Características do Regadio do “*Nascente*” (MINA 1) – Ano Agrícola de 2005/ 2006

Nome localmente atribuído	Data provável de construção	N.º de levadas associadas	Comprimento actual das Levadas (valor* aproximado em m)	N.º de Saídas de água para a ribeira	N.º de Parcelas Regadas	N.º de Regantes em 2006	Superfície Regada em 2006 (valor* aproximado em m2)	N.º de Regantes na década de 1960 (valor aproximado)	Superfície Regada anos 50 (valor * aproximado em m2)
<i>Nascente</i> ou <i>Mina dos Covões</i>	Anterior a 1900	2	Levada de Cima 343 m	2	27	15	36,366745 m2	150	187,03162 m2
			Levada de Baixo 288 m						

\* Valores calculados a partir de ortofotomapa 2005 do Instituto Geográfico Português, Ministério da Agricultura, Direcção Regional do Algarve.

Os cultivos semeados nesta zona sofreram algumas transformações ao longo dos tempos: nos anos 50 do século XX a cultura dominante de Novembro a Dezembro em regime

<sup>24</sup> Além das similitudes entre as secas de 1945 e 2005, está a queda de neve que ocorreu na mesma altura.

<sup>25</sup> Prática antiga que as gentes exemplificam com casos ocorridos no *Pomar* (freguesia de Salir) e na *Fonte Filipe* (freguesia de Querença) durante a seca de 1945.

<sup>26</sup> Ver Foto 2, Anexo Fotográfico.



de sequeiro era o trigo<sup>27</sup>, embora nas *cabeceiras*<sup>28</sup> das hortas se semeassem outros cultivos; as sementeiras de Março não se faziam, só em Junho/Julho se semeavam os milhos e depois dentro destes, o feijão e as batatas redondas (de Junho a Agosto). No *Nascente* os pomares de laranjeiras foram plantados apenas a partir dos anos 60 (séc. XX), até aí só as famílias mais abastadas os possuíam, os mais pobres arrendavam uma árvore ou duas em troca de alguns dias de trabalho. Na década seguinte (1970), dois ou três agricultores tentaram o cultivo do tabaco nestas hortas mas por falta de escoamento a produção fez por pouco tempo.

Além de regadio a água da mina tem e teve sempre outros usos, abastecendo a população de água para consumo doméstico, principalmente para beber e lavar a roupa<sup>29</sup>. Também mulheres de outros pontos da Freguesia deslocavam-se ao *pego* do *Nascente* para lavar a indumentária da casa, sobretudo no Verão quando as ribeiras mais próximas secavam. Uma mulher oriunda do Almarginho, mesmo depois de ter casado na freguesia de Querença tendo para aí ido residir, deslocava-se semanalmente de autocarro (anos 70) para ir lavar roupa no *Nascente*; segundo a mesma, no Inverno a água corria morna tornando possível a lavagem de roupa. Desde que dispõem de outras águas mais próximo de casa, de água do furo e mais recentemente de água da rede, esta prática caiu em desuso e hoje em dia apenas duas mulheres do Almarginho o fazem por gosto e não por necessidade. A par da rega, também as idas à água para beber se têm mantido, muitas são as pessoas (algumas de longe) que aí vão encher garrações com a água do *Nascente*, que caracterizam de  *fina e leve*<sup>30</sup>, apesar de ultimamente haver algum receio por parte de algumas pessoas da população em beber águas não engarrafadas.

#### 4.3.2. As infra-estruturas de rega

A água de rega proveniente da mina do *Nascente* circula por gravidade até aos *canteiros de horta* em canais de rega comuns, localmente denominados de *alevadas* e por vezes de *arregueiras*. As diversas hortas existentes encontram-se alinhadas ao longo de duas levadas principais: a *alevada de cima* e a *alevada de baixo*. Estas, relativamente estreitas e

---

<sup>27</sup> No século XVI Frei João de São José escrevia na sua *Coreografia do Reino do Algarve*: “*Salir foi antigamente vila castelada, edificada num teso que fica alteroso da banda do norte e do poente, donde lhe José cai ua fermosa várzea de pão, das melhores que há dentro nas serras do Algarve*” (Guerreiro e Magalhães, 1983:58).

<sup>28</sup> Parte de cima das hortas.

<sup>29</sup> Ainda hoje se encontram cacos de cântaros de barro nas levadas. Em finais de 2006 um grupo de mulheres da *Funcheira* lavava as tripas do porco num troço da *levada de baixo*.

<sup>30</sup> A água do *Nascente* tem sido sempre a preferida para beber pela população do Almarginho. Antigamente mesmo sendo mais perto ir às noras atrás de casa, preferiam ir ao *Nascente* pois segundo recordam a água das noras era uma água mais *pesada* e a do *Nascente* mais *leve*.

pouco profundas, apenas com o espaço suficiente para uma enxada efectuar a sua limpeza, são uma estrutura bastante simples e irregular; alguns troços de levada são em terra batida, outros cimentados, e estes últimos denotam arranjos de épocas, estilos e estado de conservação diferentes. Além das *alevadas* cuja função principal é conduzir a água de rega até à entrada de cada uma das hortas, cada horta possui no seu interior *arregueiras* individuais que conduzem a água de cada *alevada* principal até às *leiras* ou *rêgos* onde estão dispostos os diversos cultivos. Essas *arregueiras* individuais são sempre em terra batida, abertas à enxada, podendo ser várias consoante o que houver para regar, e de diferentes extensões conforme a distância a que se encontram os cultivos da levada.

Quando a água da mina não está a ser utilizada para rega, os regantes lançam-na na íntegra para a ribeira do *Barrancão* através de um canal de descarga, localmente também designado de *alevada*, de *vala* ou mais raramente por *sangradouro*. Outra das funções principais desta *vala* de descarga é, aquando das regas, quebrar a impetuosidade da água em situações de excesso, evitando que as levadas transbordem e alaguem os terrenos em seu redor. Actualmente estão em funcionamento apenas duas *valas*, a do *Nascente* e a da *Mina do Tanque*, embora a mina do *Nascente* tivesse possuído outras ao longo da *alevada de baixo* quando esta se prolongava para além do seu actual cumprimento.

Para *puxar a água* até cada uma das hortas, cada regante tem obrigatoriamente que tapar e destapar as *alevadas* em alguns pontos do seu percurso: faz-se uma *tapada* no ponto onde se juntam as duas levadas para que a água siga ora pela *alevada de cima* ou pela *alevada de baixo*; voltando-se a fazer nova *tapada* à entrada da horta que se pretende regar, de modo que a água não siga em frente, ficando desviada para a horta. São estas *tapadas* que permitem controlar e conduzir a água até ao destino pretendido. Uma *tapada* não é mais que uma pequena obstrução na levada, improvisada e de carácter móvel, feita de entulho (pedras, ervas, sacos, trapos) com o auxílio de uma enxada, para que a água siga determinado percurso com maior pressão, em detrimento de outro. No entanto, quando a água é muita, é possível regar a partir das duas levadas em simultâneo, fazendo-se *tapada* unicamente nos locais para onde a água não deve seguir.

Além do desvio das águas, é ainda necessário saber dosear a água que se deixa entrar na horta para que seja fácil controlá-la na altura de regar as *leiras* ou os *rêgos*. Esta dosagem é efectuada para a *alevada de cima* no ponto onde esta se cruza com a *alevada de baixo*; na *alevada de baixo* no ponto onde esta se encontra com a *vala* de descarga de água directa para a ribeira, recorrendo-se para tal ao auxílio de mais ou menos pedras, de mais ou menos ervas, consoante a água que se queira deixar passar. Também à entrada da horta, para controlar o

volume de água de rega, os regantes destapam mais, ou destapam menos a *comporta* que permite a entrada da água das levadas principais para as regueiras individuais.

As diferenças entre *alevadas* e *valas*, isto é, entre canais de rega e canais de descarga são ténues, chegando mesmo a confundirem-se as suas funções. As levadas do *Nascente* além de canais de rega, são também canais de drenagem dado que a água que sobra do regadio também pode ser drenada para a ribeira através delas. Por exemplo, no fim do período intensivo das regas, quando começa a chover, João (PR15) mantém a água do *Nascente* desviada permanentemente (em quantidade doseada) pela levada de baixo até ao seu campo de agriões, que corresponde à última horta desse conjunto de hortas, e daí é que segue para a ribeira. Além disso, em anos de Invernia, para estas levadas convergem outras águas (a água da *Mina de Santa Maria*, o *Linho Veado* na *Nora do Teixeira Nunes*) indo desaguar à ribeira mais próxima. E como veremos adiante, quando é necessário também se rega a partir das *valas*, sendo que o tipo de estrutura é muito idêntico. Daí a atribuição indistinta dos nomes *alevada* e *arregueira* quer às valas de descarga quer aos canais de rega. Este tipo de infra-estruturas é comum a outros regadios da área em estudo, que na sua maioria se encontram em estado deteriorado.

Antes de chegar às hortas através das levadas, a água do *Nascente* passa forçosamente por um pequeno pego, o *pego do Nascente*, hoje menos profundo que nos tempos em que servia de lavadouro, e onde apenas em situações de pouca água, para a fazer subir no *pego*, fazia-se uma *tancada* com a própria roupa que se ia lavar. Embora a passagem da água de rega pelo *pego* anteceda a chegada às hortas, os problemas gerados pela sua utilização como lavadouro público nunca estiveram relacionados com os detergentes usados pelas mulheres. Segundo testemunham alguns dos actuais regantes, aconteceu em tempos, dois herdeiros das terras próximas da mina que reclamando para si o direito à água, aquando da sua tomada de posse, quiseram acabar com o lavadouro no *pego do Nascente* argumentando que o espaço ocupado roubava terra às hortas próximas; todavia a população não permitiu que tal acontecesse alegando a antiguidade de tal prática.

#### 4.3.3. O Funcionamento do regadio

Sem dias de rega pré-estabelecidos, embora o sistema de rega de oito em oito dias imponha alguma ordem no dia de rega de cada regante, o princípio geral que rege o regadio do *Nascente* é o de “*quem primeiro chega primeiro rega*”, respeitando-se a ordem de chegada de cada agricultor à horta.

O período intensivo das regas ocorre nos meses quentes de Verão, no entanto são as condições meteorológicas, isto é, a frequência das chuvas durante o ano agrícola, que lhe determina o início e o fim, não existindo por isso uma data localmente instituída. Se chover nas épocas em que os cultivos necessitam, é possível dispensar algumas regas a partir da *alevada*, aproveitando-se a *rega da chuva*, poupando-se assim tempo e trabalho; se pelo contrário, na altura da sementeira a terra estiver muito seca, mesmo nos meses de Inverno se efectuam regas. Mas em princípio, o primeiro dia de rega ocorre geralmente no próprio dia da sementeira ou dias depois consoante o estado do tempo<sup>31</sup> e as necessidades de água específicas de cada cultivo, determinando normalmente a sequência semanal da mesma. A partir daí, de oito em oito dias, cada qual escolhe o dia e o horário de rega que mais lhe convém. Alguns regantes preferem a rega da manhã por ser a altura do dia em que a água de rega é mais abundante e o calor aperta menos; outros optam por regar durante as horas de maior calor quando praticamente não há ninguém nas hortas para não ter que esperar para regar (o que actualmente é raro); outros ainda escolhem regar à tardinha por considerarem que esta rega é a que mais beneficia as plantas, ou então porque é a altura em que regressam do trabalho.

A afluência dos agricultores às hortas do *Nascente* é também variável ao longo do ano: na época das lavras e das sementeiras, assim como das colheitas encontram-se mais pessoas juntas a lidar nas hortas; curiosamente, no período intensivo das regas, apesar da frequência de idas à horta aumentar para cada agricultor por causa das regas frequentes e inevitáveis, a ocorrência do encontro entre eles diminui ao máximo, chegando mesmo a ser evitado e controlado, dado que não podem regar todos ao mesmo tempo. Assim, embora não exista qualquer combinação ou acordo inicial, verbal ou escrito, entre os regantes no que respeita aos dias e horas de rega de cada um, a gestão das regas no *Nascente* não deixa de ser feita ainda que do modo mais informal possível:

À partida, como nem todos semeiam no mesmo dia, também nem todos irão regar no mesmo dia; por outro lado, se um dado regante sabe que fulano e beltrano vão regar às quintas-feiras de manhã, e sabe porque os viu a regar, ou num encontro casual estes lhe disseram que vinham do *Nascente* onde haviam estado a regar, aquele evitará sempre que possível ir regar nesse dia a essa hora, pois não quer correr o risco de ter que esperar para regar. Com o decorrer das semanas, à conta de encontros esporádicos, já todos praticamente sabem quando cada um rega, sem que para tal se tenham reunido propositadamente. O

---

<sup>31</sup> Excluimos aqui a sementeira da fava e do *greséu* por serem cultivos considerados de sequeiro mesmo que semeados na horta.

princípio geral de “*quem primeiro chega primeiro rega*” permite-lhes flexibilidade nos horários da rega, e conseqüentemente uma melhor conciliação entre a manutenção da horta e a execução de outros serviços, domésticos ou no campo, nomeadamente a apanha dos frutos secos, ou ainda de um trabalho remunerado; bem como contornar imprevistos que impedem as pessoas de ir à horta na altura desejada. Nestes casos, nada impede determinada pessoa de ir regar fora do dia do costume, o máximo que lhe pode acontecer é ter que esperar para regar, não surgindo qualquer mau estar entre os regantes.

No presente etnográfico, o funcionamento do regadio segue a lógica do seu antigo funcionamento, conquanto que a redução drástica do número de utilizadores nos últimos cinquenta anos permitiu reduzir para o mínimo o risco de ocorrência de conflito social aberto entre os regantes a montante e os regantes a jusante, posicionados ao longo do cumprimento das levadas de cima e de baixo. Como explicam os actuais regantes “*agora ninguém corta [a água], pois não está aí ninguém*”, “*a água anda sempre aqui sozinha...*”; pelo contrário, quando o número era muito superior ao actual, o princípio geral “*quem primeiro chega primeiro rega*”<sup>32</sup>, gerava conflitos frequentes porque os regantes localizados a montante, não querendo esperar para regar, interrompiam frequentemente a rega a quem se encontrava a jusante, ou seja, havia quem iniciasse a rega da sua horta sem verificar se alguém mais a baixo se encontrava a meio de uma rega, que assim ficaria interrompida.

Quando *cortavam a água* a montante, quem estava regando a jusante (a começar, a meio, ou a terminar) ia ver quem lha tinha cortado, percorrendo a levada até o/a encontrar e com este tentava negociar a continuação da rega. Se a rega estava quase no fim, a negociação era mais fácil pois a espera do outro era pequena, que assim acabava por lhe ceder a vez *por vergonha*, muitas vezes contornada com a expressão “*não sabia que era você que estava a regar*” ou “*pensava que não estava ninguém a regar*”. Se pelo contrário estava no início, esse outro raramente abdicava da vantagem que lhe advinha da sua melhor posição ao longo da levada. Embora essa vantagem lhe fosse reconhecida, sobretudo na segunda situação, o corte da rega gerava sempre tenções que por vezes acabavam em insultos. A este propósito, uma informante comentou admirada “*não sei como não houve mortes no Nascente*” ao relembrar o caso de um homem que vendo desconsiderados os seus direitos de água, por ser um dos herdeiros da mina, mergulhou a cabeça do difamador dentro de uma *arregueira* cheia de

---

<sup>32</sup> O princípio geral de “*quem primeiro chega, primeiro rega*” é comum a outros regadios da área em estudo, sendo no entanto necessário estudá-los aprofundadamente de modo a averiguar a existência ou não de eventuais variantes.

água<sup>33</sup>. Todavia, essas brigas ocorriam normalmente entre os regantes que não tinham parte na mina, e não passavam de insultos verbais. Em princípio, aos outros era-lhes reconhecido esse direito e ninguém reclamava quando cortavam a água; além de que, para esses a água de rega era segundo consta *engirada*, isto é, “*havia dias e horas de rega*” estipulados para cada regante e respectivo canteiro de horta.

De acordo com os testemunhos recolhido, as brigas que antigamente ocorriam neste regadio não se desencadeavam pelo receio de não se conseguir água para regar, mas sim pelos frequentes *cortes de água* efectuados pelos regantes localizados a montante; “*queriam todos regar ao mesmo tempo*” para ficarem libertos para efectuarem outros serviços, assim justificam alguns dos actuais regantes. Tratando-se de um conflito sempre latente, causado pela contradição entre o direito de água básico ditado pela Natureza, permitido pelo sistema de rega por gravidade – “*os que estão em cima têm o direito de regar primeiro*”<sup>34</sup> – e o dever de solidariedade entre os membros da comunidade – “*quem não tinha consciência cortava a água, quem tinha consciência ia ver quem estava regando*” – e da igualdade, privilegiando a ordem de chegada de cada regante à horta – “*quem primeiro chega, primeiro rega*”. Deste modo, neste regadio a rega era uma actividade incerta, como relembram as pessoas “*regar no Nascente era regar à sorte*”.

Quem vivia no Almarginho andava *monte* acima, *monte* abaixo com a enxada às costas a controlar as regas no *Nascente*. Como viviam perto das hortas, de vez em quando iam ver se alguém estava regando, se havia muita gente para regar à sua frente iam fazer algum serviço a casa enquanto esperavam; os de longe, esses tinham que trazer farnel porque tal tarefa podia prolongar-se por horas a fio<sup>35</sup>. Na memória dos mais velhos estão ainda as longas noites de espera para regar. Na tentativa de evitarem os imprevisíveis cortes de água, muitos eram aqueles que permaneciam junto ao ponto onde o desvio da água do *Nascente* se faz ora para a levada de baixo, ora para a levada de cima. Nestes casos, enquanto alguém tentava controlar a direcção da água de rega, outra pessoa encontrava-se a regar na horta.

<sup>33</sup> A mesma informante relembra que quando essa briga ocorreu, quem se encontrava nas hortas apressou-se a sair do local para não ser testemunha em caso de crime.

<sup>34</sup> Nos anos 60 do séc. XX, uma rapariga (residente nas *Várzeas de Querença*) que arrendava horta na *Quinta da Ombria*, a jusante do *repuxo*, onde não havia dias de rega estipulados pelo proprietário da propriedade, empurrou para dentro da levada um idoso que tinha horta a jusante da sua por este lhe cortar a água sucessivas vezes enquanto ela regava. Justificando o acto com o facto de não admitir que alguém posicionado abaixo de si lhe cortasse a água, embora não se importasse que o mesmo acontecesse com alguém localizado acima, pois contra esses não podia fazer nada quando lhe cortavam a água por estarem *no seu direito*.

<sup>35</sup> As mulheres que residiam no *Almarginho*, deixavam por vezes a panela ao fogo enquanto iam buscar uma *quarta de água* ao *Nascente*. Esta prática seria impensável para quem vivia na *Nave do Barão* por exemplo.

Actualmente, alguns (2) regantes cujas hortas se localizam nas proximidades da mina de água continuam a reclamar para si direitos de água registados nas escrituras das terras que herdaram ou adquiriram por compra. Fora estes presumíveis direitos de água de rega que apenas uma minoria aufere sem que deles faça uso, pois os seus *canteiros* são os que se posicionam mais próximo da mina usufruindo dessa vantagem caso se revele necessário (“*os que estão em cima regam primeiro*”), não existe qualquer documento escrito respeitante à rega. Por outro lado, mesmo que algumas pessoas (3) que usam este regadio disponham de nora e poços (de carácter privado) como alternativa de rega, a água do *Nascente* é considerada pela maioria dos regantes como sendo igualmente de todos. Havendo mesmo quem diga que “*a água é de todos*” porque “*aquelas águas agora são da hidráulica*”. Em última instância, como referia um informante: “*quando ele encher a barriga de água já dá para o outro*”. A necessidade de escoamento da água em excesso surge aos olhos destas gentes como a origem da partilha de água de rega no regadio do *Nascente*: “*para algum lado eles tinham que mandar a água, por isso os outros regavam*”, isto é, ninguém pode prender a água em sua terra por muito tempo, além da rega necessária, sem o prejuízo da mesma.

Um idoso, proprietário de uma horta na zona de hortas da *Quinta*, chegando a rega-la com a água da mina do *Nascente*, referiu que os cortes de água aquando das regas por quem se localizava a montante, deviam-se também (além dos motivos atrás apontados) às tentativas destes em evitar o alagamento dos seus terrenos localizados nas proximidades da mina de água. Ou seja, com a finalidade de evitar o alagamento de suas hortas, por vezes esses regantes não deixavam a água seguir pelas levadas até ao final das mesmas, quando terminavam de regar desviavam a água directamente para a ribeira através das *valas* de descarga ou *sangradouros*. Esta preocupação tinha alguma razão de ser dado que quando os regantes localizados a uma distância maior da mina necessitavam de regar, quanto mais água circulasse pela *arregueira* mais rápido entraria pelas respectivas hortas afim de regar os cultivos; inversamente, os regantes que se localizavam mais próximo da mina corriam o risco de ver inundada parte da horta caso as *arregueiras* deixassem transbordar água ou as *comportas* não vedassem devidamente a passagem da água da levada para os seus canteiros. Assim, enquanto os regantes de baixo tapavam a *vala* de descarga para a água seguir até ao fim da levada, os de cima destapavam-na para a água desaguar directamente na ribeira.

Motivo semelhante causou algum mau estar entre os regantes quando em 2006 um deles decidiu plantar uma vinha no *Almarge* afim de aproveitar a água do *Nascente*. “*Puxar a água*” para regar a vinha não foi então um processo fácil. O terreno em questão localiza-se a alguma distância da mina e há muitos anos que a água não é para aí puxada. A este propósito,

foi sugerido por alguns regantes que fulano “...*leva a água toda e alaga os outros terrenos!*”, apontando-se como exemplo algumas hortas localizadas nas proximidades do *Nascente*, cujos cultivos terão ficado parcialmente inundados. De facto, a *alevada de cima* por onde segue a água até à dita vinha possui um desnível menor comparativamente à *alevada de baixo*, além de que a dada altura do seu percurso o troço de levada em terra batida de estrutura irregular sobe ligeiramente, dificultando a circulação da água, provocando mesmo o seu recuo.

Ao contrário, no ano anterior, em 2005, altura em que a seca foi severa, o excesso de água não constituiu um problema mas sim a sua míngua. Neste caso, perante um recurso limitado, assistiu-se a uma diminuição do perímetro da rega: além dos regantes diminuírem os cultivos na horta, algumas hortas, as mais distantes do *Nascente*, deixaram mesmo de ser cultivadas. Todavia, apesar do conformismo aparente entre os diversos regantes quanto à insuficiência da água de rega, a água do *Nascente* foi disputada ainda que cautelosamente. A uma maior frequência das idas à horta para regar, exigida pela diminuição do caudal da água do *Nascente*, correspondeu também a uma maior probabilidade de se encontrar alguém a regar. Como a rega era muito demorada, algumas vezes acontecia aos regantes com residência próxima deixarem a *água a regar sozinha* (se os cultivos estavam dispostos ao *rêgo* e nunca à *leira*) enquanto iam a casa executar outro serviço; nesse espaço-tempo, se alguém chegasse ao *Nascente* e vendo a água desviada para uma dada horta, não encontrando aí o respectivo regante, puxava-a para regar os seus cultivos. Foi neste sentido que um informante referiu: “*Um rouba para aqui, outro rouba para ali*”. *Roubar* aparece aqui com o mesmo significado de *cortar a água*, embora esta última designação seja mais usual. Assim, neste contexto, o «roubo de água» afigura-se-nos como a forma encontrada pelos diversos regantes para evitarem o conflito social aberto, dado que o «roubo» em questão apenas acontecia quando ninguém estava a observar<sup>36</sup>.

Todavia, apesar da flexibilidade na gestão das regas, do número reduzido de regantes e do bom relacionamento entre eles, os gastos de água de rega (considerados) indevidos estão sujeitos à crítica social, embora raramente desencadeiem um conflito aberto. Por exemplo: regar depois de chover pode originar um comentário do género “*é para ser o primeiro a*

---

<sup>36</sup> Na sociedade do Alto Minho estudada por Fabienne Wateau (2000) o *roubo de água* adquire também a função de equilíbrio social, mas num sentido completamente diferente, aqui o *roubo de água* desencadeia o conflito propositado entre regantes, tratando-se de “*uma maneira positiva de socialização unindo os grupos em oposição em redor de um mesmo assunto*”, neste caso a água de rega (Wateau, 2000:157). No Barrocal Algarvio, no extremo oposto de Portugal, o evitamento do conflito está a nosso ver relacionado com a tentativa das gentes em evitar o estado de ruptura social que não seria vantajosa para os envolvidos pondo em causa futuras cooperações, as expressões “*não vale a pena*” ou “*todos precisamos uns dos outros*”, reflectem isso mesmo.



*gastar água*”, ou “*o filho do diabo anda sempre regando!*” no caso de se regar mais vezes que o necessário<sup>37</sup>, sendo sinónimos de ganância.

#### 4. 3. 4. Caracterização social dos regantes e respectivas parcelas regadas (PR)

Em 2006 encontram-se no activo 15 regantes, 13 homens e 2 mulheres, dos quais 14 são aparentados entre si<sup>38</sup>. Este conjunto de regantes, cujo número aproximado se tem mantido há alguns anos, tem idades compreendidas entre os 37 e os 79 anos, sendo que a sua maioria possui 64 anos ou mais. No que se refere à situação face ao emprego, 11 regantes são reformados, 2 exercem uma profissão fora do sector agrícola e apenas 2 se dedicam exclusivamente à agricultura. Do total de regantes sobressaem ainda os que cultivam as suas próprias parcelas de terra (13), sendo que destes apenas dois aparecem como herdeiros de seus pais, que as adquiriram por troca; os restantes (12), na sua maioria com experiência no estrangeiro, adquiriram-nas por compra directa. Em grande número (11) estão também os regantes consentidos, isto é, os agricultores que não possuindo terra, aí cultivam com a autorização dos respectivos donos (umas vezes familiares, outras vezes meros conhecidos) sem que paguem renda pelo seu usufruto, tendo-lhes sido “*dadas para semear*”<sup>39</sup>. Nas hortas do *Nascente*, o mesmo regante pode em simultâneo, em parcelas distintas, ser proprietário numa, e regante consentido noutra. Ainda no que diz respeito ao regime de propriedade, apenas dois regantes estão em situação de arrendatários, pagando anualmente pela renda da terra menos de 25 euros.

Treze dos quinze regantes residem a menos de 1km de distância das hortas do *Nascente* fazendo as deslocações sobretudo a pé. Os regantes (3) que residem a uma maior distância deslocam-se de tractor ou carrinha de caixa aberta, mais raramente de carro. A maioria dos regantes arrendou no passado *canteiros* de horta no *Nascente* ou noutra zona de hortas que circundam o Almarginho. Actualmente, mais de metade do total dos regantes (9), além da horta que possui no *Nascente*, possui também horta em outra zona de hortas das

---

<sup>37</sup> Os mesmos comentários são comuns para a área em estudo no que se refere à água recolhida em fontanários públicos. Uma atitude que poderá estar relacionada com o receio da escassez repentina que o regime torrencial das águas induz no Barrocal Algarvio, tornando incerto o acesso à água, embora não se excluam outras explicações. Por outro lado, em caso de águas particulares quando se gasta muito pouca isso poder ser tomado como sinónimo de avareza.

<sup>38</sup> Ver Figura 12, Anexo B.

<sup>39</sup> Apesar de não auferirem de qualquer rendimento das terras, os proprietários que as *dão* a outrem para semear, beneficiam com o não estado de abandono das referidas hortas. Nos últimos anos, esta tem sido a estratégia mais comum de muitos proprietários de terras as manterem cultivadas. Segundo referem os regantes deste regadio, só não há mais situações destas porque não há quem queira mais terras para cultivar. No *Nascente*, outros proprietários (2), apesar de não semearem naquelas hortas, não deixam de as lavar.

redondezas (*Corriola, Quinta, Terras Pretas*) e junto às casas, no quintal. No entanto, regar no *Nascente* continua a ser vantajoso pelo custo zero da água de rega: “...no Almage a gente não paga a água, ali é água que vem corrente,...já a água que se tira com bestas, com o motor é paga”.

Quadro 5 – Caracterização Social dos Regantes do regadio do *Nascente* (quadro síntese)

<i>Caracterização dos regantes por sexo e idade*</i>	Sexo	HM	<b>15</b>
		H	<b>13</b>
		M	<b>2</b>
	Idade	37 anos ou menos	<b>1</b>
		Entre 38 e 63	<b>4</b>
		64 e mais anos	<b>10</b>
<i>Distancias da casa até à horta por regante</i>	Menos de 500m	<b>5</b>	
	Entre 500m e 1km	<b>6</b>	
	Mais de 1km e menos de 4km	<b>3</b>	
	Mais de 4km e menos de 20km	<b>1</b>	
<i>Parentesco entre regantes</i>	Com parentesco	<b>14</b>	
	Sem parentesco	<b>1</b>	
<i>Destino da produção por número de parcelas regadas</i>	Auto-consumo	<b>22</b>	
	Venda	<b>2</b>	
	Exclusivamente para consumo animal	<b>2</b>	
<i>Situação face ao emprego</i>	Activos	<b>4</b>	
	Reformados	<b>11</b>	
<i>Experiência no estrangeiro</i>	Com experiência	<b>10</b>	
	Sem experiência	<b>5</b>	
<i>Regime de propriedade por número de parcelas regadas</i>	Arrendatários	<b>2</b>	
	Consentidos	<b>11</b>	
	Proprietários (por aquisição directa)	<b>11</b>	
	Proprietários (por herança)	<b>2</b>	
	Proprietários com experiência no estrangeiro	<b>12</b>	
<i>Proprietários de hortas em outras zonas de horta</i>	Horta junto à casa	<b>6</b>	
	<i>Corriola</i>	<b>1</b>	
	<i>Quinta</i>	<b>1</b>	
	<i>Terras Pretas</i>	<b>1</b>	

\* São considerados aqui os regantes principais embora alguns cônjuges os acompanhem.

*Nota: Dados reportam-se ao ano agrícola de 2005/2006.*

Depois do que foi exposto pode-se dizer que, presentemente os regantes do *Nascente* são maioritariamente do sexo masculino, embora 2 regantes se façam sempre acompanhar por suas mulheres na altura da rega, e outros tantos sejam substituídos por elas quando se encontram impossibilitados de o fazer (por doença ou outro motivo). Por outro lado, mesmo que por vezes, na altura das sementeiras e das colheitas alguns agricultores consigam reunir

filhos e netos para ajudar no serviço, a agricultura é nestas hortas uma actividade praticada maioritariamente por gente reformada, detentora de saber agrícola acumulado, cuja produção (em regime de policultura) se destina principalmente ao auto-consumo. Sendo a proximidade residencial dos regantes às hortas, a linha mestra da organização do Regadio do *Nascente*<sup>40</sup>.

Para melhor ilustrar a dinâmica social deste regadio colectivo, parte-se da biografia de alguns (9) regantes, para em seguida, com base nas observações efectuadas nas hortas, se descrever alguns aspectos da sua vivência quotidiana durante o ano agrícola de 2005/2006.

### ***Joaquim (PR0, PR8 e PR10)***

Joaquim tem 77 anos de idade e reside no Almarginho, onde nasceu, cresceu e veio a casar. Antes de emigrar para Alemanha por mais de 20 anos, entre 1966 e 1988, com a família (mulher e filhos), Joaquim foi pastor, agricultor... trabalhava no que podia. Na Alemanha trabalhou como operário em diversas fábricas, uma delas de vidro. Quando regressou, depois de reformado, retomou o cultivo da terra. A sua casa é a de entre os regantes a que se localiza mais próximo do *Nascente*, a menos de cinco minutos de caminho por vereda estreita que desce da encosta norte do Almarginho até junto da mina passando-lhe mesmo ao lado. A abertura da galeria localiza-se no sopé deste pequeno relevo a partir de onde se espraia uma ampla várzea rasgada na transversal pela ribeira do Barrancão. Por vezes, ao descer pelo caminho, vislumbrando do alto da encosta o panorama geral das hortas, Joaquim não consegue deixar de relembrar o que fora outrora aquela zona: “*Áh! este Almarge, ah! este Almarge! Isto no outro tempo, andava aí gente à farta...não ficavam as terras assim por semear, toda a gente semeava, toda a gente cultivava as terrinhas*”.

Joaquim tem a seu cargo três parcelas regadas (PRO, PR8 e PR10) nas imediações do *Nascente*: a parcela PR0, corresponde a uma pequena vinha disposta ao longo de um único *rêgo*, e pertence a sua irmã Helena uma viúva de quase 90 anos sem filhos. Depois que o marido desta morreu, Joaquim faz toda a manutenção da vinha, desde podar, sulfatar, passando pela rega até à colheita e finalmente a produção do vinho no pequeno *lagar* que possui, incluindo o consumo do vinho.

Esta vinha é regada com *água tirada a balde* do canal de descarga (*alevada, vala, sangradouro*) da *Mina do Tanque*<sup>41</sup> dada a proximidade a que se encontra da mesma. A vinha

---

<sup>40</sup> Quando os regantes principais se encontram impossibilitados de ir à horta, a pessoa (filho, genro e outros) que os substitui reside também em grande proximidade às hortas.

<sup>41</sup> Este canal foi afundado há poucos anos porque deixava sair água alagando os terrenos.

em questão não pode ser regada a partir do processo comum; como justifica este homem a *água não monta* até à vinha dado que a dita parcela de terra encontra-se a um nível superior ao da *alevada*. A rega desse terreno já se fez a partir de uma levada mas era necessário *prender a água no tanque* (mina do tanque) para esta alcançar o nível do terreno. Porém, actualmente, o tanque encontra-se em ruínas e coberto de silvas totalmente fora de funcionamento. Assim, socorre-se de um balde preso pelo cabo de uma enxada, que vai mergulhando ao longo da *vala* que tem prolongamento para além da vinha. A este constante lançar e içar do balde com o cabo da enxada, Joaquim compara a *tirar água à cegonha*.

Além da irmã, Joaquim ajuda outras pessoas, vizinhos e familiares, no que respeita a serviços agrícolas. De quando em quando ruma até Vila Nova de Cacela (concelho de Vila Real de Santo António) no extremo este do Algarve, por oito ou quinze dias, onde reside a sua filha. Aqui, ajuda o genro ora a ceifar a erva da horta, ora a apanhar tomates, melões, etc., conforme as necessidades da época. Tecendo comparações entre as duas regiões Algarvias, Joaquim refere que em Cacela os cultivos são mais temporãs (mais precoces). Na sua ausência é a esposa, Cremilde, quem o substitui nas regas inadiáveis.

Este homem foi visto também a ajudar um vizinho de horta e respectiva família a *desencamisar* o milho no local, sem combinado prévio: Joaquim precisou de ir à horta ou por ali passou, viu a azáfama da referida família e num gesto de cumprimento ficou para ajudar, e conversar também. Em contra partida, quando Joaquim esteve doente com broncopneumonia, o mesmo vizinho de horta regou-lhe as couves sem que lhe tivesse pedido. Esta ajuda foi reconhecida e valorizada por Joaquim que comentou: “*o Lelo é bom homem, regou-me as couves*”. No Verão de 2005, quando a água do *Nascente* já não chegava à sua horta, o mesmo vizinho de horta, sem que lhe tivesse pedido, regou-lhe duas leiras de cebolas com a água do poço que possui naquela zona de hortas.

Exceptuando os *canteiros de horta no Nascente*, onde não chega a ocupar a terra na sua totalidade com cultivos, Joaquim possui outra horta junto à casa, horta essa feita (depois de regressar da Alemanha) com terra trazida da *Lagoa da Nave do Barão*, que rega com a água de um furo. Antes de possuir as parcelas de terra no *Nascente* e de fazer horta junto à casa, Joaquim teve de renda a horta (PR16) que hoje é semeada por Raul.

Mesmo não sabendo ler nem escrever Joaquim possui um telemóvel que transporta consigo para todo o lado, até na horta recebe telefonemas de amigos e conhecidos com quem combina petiscos e ajudadas.

### **João (PR1 e PR15)**

João de 37 anos, solteiro, filho de Zé (PR23), vive com os pais na *Funcheira*. Depois de diversas experiências de trabalho como carpinteiro, mecânico... João decidiu-se pela agricultura a tempo inteiro (desde há oito anos), chegando mesmo a tirar o *curso de Jovem Agricultor*. Além destas hortas no *Nascente* pai e filho cultivam outras no *Brejo*, no *Olheiro* e no *Barranco*; e embora praticamente todas as parcelas que cultivem pertençam a outrem, apenas uma delas é arrendada (PR1), as restantes foram lhes *dadas para semear*, isto é, emprestadas pelo dono sem que para isso tenham que pagar renda. Apesar de residirem na mesma casa e de cooperarem em diversos trabalhos agrícolas, pai e filho exploram o seu conjunto de hortas separadamente, sendo que as explorações de João são do tipo monocultura (abóboras, agriões, melancias, melões). Algumas vezes os saberes agrícolas, antigos e modernos, de pai e filho entram em choque quando se trata de optar por uma ou outra técnica de cultivo ou de rega. O excedente, o que João não consegue vender no mercado abastecedor de Loulé, fica para consumo próprio e o restante vende em pequenas porções a conhecidos, ou o que é mais comum, oferece aos vizinhos. Também o pai, pedreiro de profissão durante muitos anos, radicou-se na agricultura há cerca de 10 anos, apontando como motivos tratar-se de um trabalho saudável, não ter ninguém a dar-lhe ordens, e trabalhar conforme quer. Nem pai nem filho chegaram alguma vez a emigrar. Em 2005 João não semeou os agriões (monocultura) na horta (PR1) dado que faltou água na *Mina do Tanque*: “*Os agriões são como o arroz, precisam de água no pé*”, argumenta. Em 2006, no fim do período intensivo das regas, a água do *Nascente* ficou desviada permanentemente para outro terreno onde João tem semeado agriões (PR15 – última parcela regada alinhada na levada de baixo) e daí é que seguia para a ribeira.

### **Raul (PR16, PR19 e PR27)**

Raul de 74 anos reparte os seus dias entre as hortas e o rebanho de cabras. Mais do que agricultor, Raul é *moiral*. O seu interesse antigo por cabras e ovelhas levou-o a frequentar desde muito jovem diversas feiras de gado no Ameixial, Paderne, Guia, Algoz e outros lugares. Normalmente é *com a fresca*, de manhãzinha ou ao final da tarde que pastoreia as cabras, percorrendo com elas todos os pastos existentes nas redondezas, reservando as horas de maior calor para o trabalho nas hortas. Como a área de hortas do *Almarge* está hoje reduzida para menos de metade do que foi em outros tempos, é comum ver o Raul a pastorear

as suas cabras nas proximidades das hortas actualmente cultivadas. Com o leite das cabras a esposa confecciona queijos frescos para consumo próprio e os restantes vende à unidade a pessoas conhecidas. Também a carne dos animais é comercializada.

No *Nascente* Raul cultiva 3 parcelas de terra descontínuas entre si (PR14, PR17 e PR28). As parcelas (PR19) e (PR28) foram-lhe *dadas para semear*, pagando pela terceira (PR16) *dois contos* de renda<sup>42</sup> anuais. Todavia, não há muito tempo que Raul cultiva horta no *Nascente*: um dos *canteiro* (PR28) foi-lhe *dado para semear* no dia do funeral da irmã da sua nora (dia 3 de Junho 2006) onde encontrou a proprietária, residente na *Penina* a cerca de 5Km de distância, que lhe perguntou sem que ele lhe tivesse pedido se gostaria de semear a sua terra no *Nascente*. Os *canteiros* dos quais paga 10 euros anuais foram arrendados há cerca de sete anos atrás ao *Guerreiro Professor*. Este último, oriundo de *Clareanes*, geria a partir de Faro, onde residia durante a semana com a família, as propriedades no *Almarginho*, *Corriola*, *Nascente* e na *Lagoa da Nave do Barão*, herança de sua esposa oriunda de Salir. Os avós e um tio de Raul tendo sido caseiros na casa que o *Professor* possuía no extremo este do *Almarginho* junto à zona de hortas da *Corriola*, fazem de Raul o sucessor natural desta cadeia familiar de várias gerações de caseiros. Falecido o *Sr. Guerreiro Professor* é o seu filho que vive actualmente em Silves quem recebe a renda do referido prédio rústico.

Onde Raul teve de renda hortas durante muitos anos foi no *Morgado de Salir* e no *Pomar*, trabalhando neste último cerca de vinte anos a tratar do gado (vacas). E foi para ficar mais próximo das hortas e da água que deslocou a sua residência dos *Covões* onde nasceu, para a *Fonte Figueira* onde reside actualmente. Não tendo chegado a emigrar, apontou como motivos alguns maus exemplos que conheceu.

Raul é o único regante que no Verão semeia *ferrejo* nestas hortas do *Nascente*, a finalidade é garantir comida às suas cabras sem grande preocupação, podendo evitar de algumas vezes as levar a pastar. Das três parcelas de terra que explora, duas estão destinadas a esse fim (PR16 e PR28) e apenas uma (PR19) é reservada exclusivamente<sup>43</sup> para o auto-consumo familiar. Nesta última, e em outra horta junto à casa que rega com água de furo, Raul semeia favas, cebolas, alhos, tomateiras, feijão verde, batatas-doces, etc., conforme a época do ano.

Em Agosto 2006, estando a água da *mina do tanque* desviada permanentemente para a cultura dos agriões do João (PR1) dado que este cultivo necessita de *água no pé*, Raul precisou de abrir novo troço de levada a partir da base da *mina do Nascente*, para regar o

---

<sup>42</sup> Sendo este o valor que o rendeiro recebe de todas as suas fazendas, refere Raul.

<sup>43</sup> Embora a rama do feijão e da batata-doce por exemplo constituam um óptimo alimento para as cabras.

*canteiro* (PR28) que lhe foi *dado para semear* no dia 3 de Junho 2006, localizado a montante do *pego do Nascente*<sup>44</sup>. Este improviso foi recebido pelos restantes regantes como fazendo parte da normalidade, que tivéssemos conhecimento ninguém reclamou, e cada um continuou a regar a sua horta como de costume, não se tendo verificado qualquer interferência no bom funcionamento do regadio. Segundo este regante tal prática não é recente, aquele troço de levada improvisado sempre foi aberto quando necessário. Como o dito *canteiro* de horta é um dos que se localiza mais próximo das minas, antigamente o mesmo procedimento também não causava constrangimentos dado que a água das minas era considerada como pertencente a estes terrenos.

Por vezes, Raul desvia a água do *Nascente* para o *canteiro* (PR28) e deixa-a percorrer livremente o milho que aí tem semeado para dar de comer às cabras. Enquanto isso, limpa de ervas a horta (PR19) que está reservado para os cultivos da casa. Outras vezes, ao som das cigarras, senta-se na parede existente junto da mina do *Nascente* *espreitando* a água que sozinha percorre o milheiral. A este tipo de rega Raul chama regar à *manadia* ou à *malta*. Segundo justifica, dispor assim de água numa rega que exige abundância, só é possível graças ao número diminuto de regantes actualmente no activo, o que lhe permite também regar (quase sempre) dois terrenos em simultâneo (PR28 e PR16). Do cimo da dita parede, Raul controla a rega através da mudança de tonalidade do milheiral: “*o milho vai enverdecendo conforme a água vai regando. A água é o sangue da terra*”<sup>45</sup> explica.

### **Vitorino (PR2 e PR18)**

Vitorino tem 69 anos e reside na *Cavaca*, a 1km de distância, dirigindo-se à horta de tractor ou carrinha de caixa aberta. Normalmente Zélia, a esposa, acompanha-o à horta e na sua ausência é ela quem o substitui. Este homem nem sempre vai regar à mesma hora, tal depende de outros serviços que tenha para fazer. A parcela de terra (*PR18*) que possui no *Nascente* foi comprada na década de 70 (séc.XX) por *30 contos*, estava então na França e o negócio fez-se pelo telefone. Adquirir uma terra de regadio no *Nascente* (onde rega desde o 8 anos de idade), foi uma das ambições que o fizeram emigrar.

Em Março de 2006 a parcela de terra (PR2) que lhe foi *dada para semear* pela sua madrinha ficou inundada quando os níveis da água do *Nascente* subiram repentinamente.

---

<sup>44</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>45</sup> Esta expressão “*A água é o sangue da terra*” foi proferida por diversos informantes residentes nas três Freguesias em estudo.

Tinha então batatas semeadas que acabaram por não nascer porque a semente apodreceu debaixo da terra, tendo que ser novamente semeadas. Segundo justifica este homem, isso aconteceu porque quando o nível da água subiu de repente depois de vários dias de chuva, as ervas que sempre crescem nas levadas obstruíram a livre passagem da água fazendo-a transbordar. Uma das sementeiras que sempre faz é a sementeira de *chicharos* na altura da sementeira de batatas em Março.

### **António (PR3 e PR5)**

António reside no Almarginho onde nasceu. A horta que possui no *Nascente* foi adquirida em 1998, antes disso teve hortas de renda, e mais recentemente uma horta (PR5) *dada para semear*. Quando por algum motivo não pode ir à horta, é o filho mais velho, solteiro, que vive também no Almarginho quem o substitui. Da esposa refere que nunca gostou de hortas por ter sido criada num sítio onde não existia regadio e de os pais não a terem *habitado*, ao contrário da sua mãe que trabalhou muito nas hortas, sobretudo nas regas, aliás como tantas outras mulheres do Almarginho. Segundo o seu testemunho, embora a lavra da terra fosse sempre feita pelos homens, as sementeiras e as colheitas por ambos os membros do casal, normalmente a manutenção da horta era feita pelas mulheres. “*Antigamente eles trabalhavam e elas é que regavam..., quando calhava a rega da noite tinham que eles ir*”, refere. Em Maio de 2005, para salvar as favas que então tinha semeadas na horta António teve que ir regar à noite.

### **Alvinho (PR6)**

Alvinho de 59 anos, reformado da Função Pública, reside actualmente na *Ponte de Salir* a cerca de 4km de distância do Almarge. A horta que cultiva no *Nascente* pertence à sua irmã residente actualmente em Faro, que *lha deu para cultivar*. Esta, à semelhança de outros proprietários adquiriu-a após regressar da França onde esteve emigrada por muitos anos. Antes de se reformar, Alvinho conciliava o serviço daquela horta e de outras (junto à casa) com a sua profissão de canalizador. Apontando como razões para semear no *Nascente*: “*eu só semeio aqui para a terra não ficar ai à vergonha*” ou “*...isto é só para entreter...*”. Parte da produção que retira da horta dá à irmã, a restante parte é repartida entre a sua casa, a da filha recentemente casada, e outra parte é oferecida às amigas da esposa que apreciam *produtos caseiros* e não têm.



### **Lelo (PR7, PR20, PR27)**

Lelo tem 72 anos e reside no *Cerro de Baixo*. Dos dezasseis regantes existentes no *Nascente*, Lelo é aquele que cultiva mais hortas. Neste caso a agricultura faz parte integrante da economia familiar, sendo comum a ajuda massiva, esposa, filha, genros e netos. Lelo possui um dos três burros ainda vivos nos arredores, Zé Maria é no entanto o único que ainda lavra com charrua. Alimentar o burro leva-o a semear mais. Apesar dos genros possuírem tractores, Lelo prefere a lavra do burro, além deste também produzir estrume com que fertiliza os cultivos que tem semeado na horta. Entre os *canteiros* que cultiva, possui um poço cuja água só utiliza em situação de falta no *Nascente* dado que para regar daí é necessário gastar dinheiro em combustível com o motor de rega. Também Joaquim (PR0) só rega a vinha da irmã com a água do poço se faltar no *Nascente*.

À semelhança de outros regantes, a experiência enquanto emigrante em França durante muitos anos, permitiu-lhe conhecer outras realidades no que concerne à prática agrícola com que estabelece comparações: a pequena propriedade Algarvia contrasta com a grande propriedade Francesa onde a mecanização é a regra.

### **Amaro (PR22)**

Residente nos *Montes*, a cerca de 4 quilómetros do *Nascente*, Amaro de 60 anos desloca-se à horta normalmente nas horas de maior calor (14:15h), altura em que o som das cigarras é ensurdecador. Segundo justifica a sua esposa que sempre o acompanha, a escolha da hora da rega está relacionada com o facto de o casal não querer esperar para regar, pois quem é de perto consegue as melhores horas, pela manhã e à tardinha. Nos *Montes* não há água, assim o seu marido para regar meia dúzia de cultivos que tem junto à casa e para dar de beber aos animais, vai busca-la à ribeira de Algibre (freguesia de S. Sebastião) a um furo camarário. A horta que actualmente semeia no *Nascente* foi-lhe *dada para semear* por um vizinho. Como motivo para semear horta apontam a qualidade da produção pela quase ausência de pesticidas e adubos químicos, bem como o prazer da actividade.

### **Zé (PR25)**

José de 58 anos reside na Funcheira, é o pai de João (PR1 e PR15), e do qual já se teceram algumas considerações. Em Julho de 2006, Zé rega usualmente o milho com água da única nora existente no local, dado que a levada que passa junto da sua horta, a *levada de cima*, possuindo menor desnível é com dificuldade que faz circular a água até às duas últimas hortas, a sua é a penúltima. A nora coberta de teias e tapada com lenha, há muito que deixou de trabalhar com o engenho, a água de rega é agora puxada do poço por meio de um motor a gasóleo e é canalizada num tubo até à *arregueira* individual, seguindo desta para o milho. Zé é o único a regar com a água desta nora embora o engenho seja pertença de dois donos. Durante a época da rega, o motor fica diariamente a céu aberto junto da nora, como o motor é muito pesado, e a horta perto de casa, Zé não tem receio que lho roubem. Segundo refere, os assaltos recentes a algumas casas de motor das redondezas tiveram como objectivo o roubo do combustível, o que leva o homem a pensar que terão sido os *moços* para as suas motorizadas. Embora a produção de milho seja hoje muito menor do que fora em outros tempos, na área em estudo praticamente todas as pessoas que ainda o semeiam possuem um pequeno moinho eléctrico particular com o qual moem os grãos de milho que consomem em *papas de xerém*. Além do consumo humano, também os animais domésticos se alimentam dele; a *folhagem* do milho Zé dá de comer ao seu burro que actualmente apenas produz estrume que é utilizado para fertilizar as hortas que tem a cargo. No *Brejo*, em outra horta a jusante do *Nascente*, ao final da tarde, enquanto rega as *leiras* Zé conversa com Raul que pastoreia as suas ovelhas; lado a lado, pastor e agricultor.

### **Outro**

Além dos 15 regantes, um homem aproveita as sobras de água do *Nascente* para regar a sua horta localizada a uma distância considerável da mina, onde nunca chegaram as levadas! Toda a água que desagua na ribeira através das *valas* de descarga segue por um tubo (preto de polegada e meia) disposto no meio da ribeira até ao tanque que tem na horta; quando o tanque está cheio solta a água para regar os cultivos. Confrontados os regantes com a situação, apenas referiram que a água que desagua na ribeira está perdida para eles de qualquer forma, não havendo por isso qualquer inconveniente considerado.

#### 4.3.5. Solidariedade e cooperação entre regantes

Enquanto canais de circulação permanente de água, as levadas são locais propícios ao crescimento de plantas de espécies variadas como por exemplo *agriões*, *junco*, *avenca*, *montrastes*, *rabaça*... Estas plantas, algumas comestíveis<sup>46</sup>, outras ornamentais, e outras simplesmente daninhas, obstruem com a sua rama a livre passagem da água de rega da mina até às hortas, fazendo transbordar a água quando muita, ou fazendo-a perder-se pelo caminho quando pouca, causando demoras na rega. Neste sentido, a limpeza destes canais afigura-se da maior importância independentemente da época do ano em questão. Seja Inverno ou seja Verão é necessário “*fazer caminho para a água passar*” como referia um informante no mês de Dezembro enquanto arrancava com a enxada os juncos que na direcção da sua horta impediam a livre passagem da água para a ribeira. Quem passa habitualmente no meio das hortas deste regadio, de quando em quando é comum visualizar feixes de erva nas bermas das levadas, resultantes da limpeza/desobstrução de alguns troços, assim como porções de sal sobre a erva aparada.

No entanto, no *Nascente*, este tipo de manutenção da levada é hoje (como antigamente<sup>47</sup>) sempre feita individualmente e apenas quando se torna necessária, ou seja no próprio dia em que se vai regar; altura em que com a enxada ou com a própria mão se arrancam as ervas nos locais onde estorvam a passagem da água.

Em 2006, foi com desgosto e desaprovação que os regantes mais antigos receberam a proposta de um regante recém-chegado, cuja horta se localiza a maior distância da mina, para em conjunto efectuarem a limpeza das levadas. Este regante teve então que limpar sozinho toda a levada desde o *Nascente* até à sua horta para poder regar a vinha, sendo esse o procedimento tido como o mais normal e correcto entre os regantes. Assim, à semelhança da rega, também a limpeza das levadas é feita sem combinio prévio e à medida das necessidades de cada um: “*umas vezes limpa-se, outra vezes não*”, “*quando tenho falta de regar limpo-a, quando não tenho falta de regar não a limpo*”, “*pois cada um na sua terra, quem quiser limpa, quem não quiser não limpa*”. Daqui resulta que os primeiros a regar são os primeiros a necessitar de limpar as levadas, e os regantes que se localizam a jusante tenham maior preocupação e trabalho na sua limpeza porque caso seja necessário, o troço de levada a limpar é sempre maior. De qualquer modo, quanto mais próximo da mina mais vantajosa a posição

<sup>46</sup> Muitas mulheres apanham *agriões* para cozinhar em salada ou sopa, acrescentando-os também ao *jantar de grãos* e às *sopas de batata*. Nas levadas habitam eirós e lagostins de água doce que algumas pessoas comiam antigamente.

<sup>47</sup> Embora tivesse existido pessoas que mantinham sempre limpos os troços de levada na direcção de sua horta.

do regante quer ao nível da rega no caso de minguagem de água, quer ao nível da limpeza das levadas. O arranjo destas infra-estruturas de rega segue a mesma lógica<sup>48</sup>. Para evitarem os danos (perdas de água) que os ratos fazem nas levadas rompendo-as, alguns regantes cimentaram o troço de levada na direcção de sua horta à medida da sua disponibilidade financeira; tendo daí resultado o seu aspecto irregular. No que respeita à manutenção da *vala de descarga*, apesar desta servir a todos, a sua limpeza é sempre feita apenas por um dos regantes, aquele que possui a horta (PR6) encostada ao canal. Apesar da referida *vala* se encontrar ladeada por duas hortas, o dono da horta localizada a montante nunca a limpa por se situar a um nível mais elevado, ao contrário do regante da horta a jusante que por se encontrar a um nível mais baixo corre o risco de ver inundada a horta caso a água que segue para a ribeira transborde da *vala*; assim, o empedrado desta *vala* foi totalmente custeado por este último.

No *Nascente*, a solidariedade entre regantes manifesta-se de outra forma. Por exemplo, não cortar a água a quem se encontra a regar (i.e. não interromper a rega de alguém) foi e continua a ser um gesto de solidariedade. No entanto, independentemente dos laços de parentesco que unem os actuais regantes, foi a diminuição drástica do seu número nas últimas décadas que permitiu reduzir para o mínimo o conflito social decorrente dos cortes de água. Se hoje se rega em família, antigamente também se regava dado que a maioria dos actuais regantes arrendou no passado hortas naquela zona; de facto, o número reduzido de regantes permite hoje uma maior harmonia entre eles. Naquela época, *cortar a água* era provavelmente uma atitude de sobrevivência<sup>49</sup> por parte dos regantes perante um recurso que, embora no *Nascente* não fosse escasso, era indispensável para a rega das hortas e estas fundamentais para a sobrevivência da sua casa, numa altura em que “*se não se cultivasse, não se comia*”, embora como complemento houvesse que trabalhar<sup>50</sup> em outros locais.

Quando o número de regantes no *Nascente* atingia as duas centenas (muita gente para pouca terra), e o tamanho das parcelas de terra era tão variável quanto exígua, estipular dias e horas de rega para cada um mostrava-se uma tarefa praticamente impossível; em

---

<sup>48</sup> Também nos regadios junto a ribeiras, quando os muros de protecção que ladeiam a ribeira são arrastados pela torrente de alguma cheia, a sua reconstrução quando acontece, é efectuada por cada agricultor apenas na direcção da sua horta.

<sup>49</sup> Foi neste sentido que no Verão de 2005 uma mulher residente numa das freguesias em análise, perante o fraco caudal de água na única bica pública existente no local e face à necessidade premente de regar as flores do seu jardim, acartou desenfreadamente vários baldes de água quando na sua opinião o correcto teria sido ceder a vez aos vizinhos, a mulher justifica a sua atitude dizendo que “às vezes é preciso perder a vergonha”.

<sup>50</sup> O trabalho exercia-se por temporadas consoante a época do ano: cavar alfarrobeiras, apanhar alfarrobas, lavar, ceifar, apanha de lenha para os fornos de cal, *arrenca* de pedras para fazer fazendas.

contrapartida, actualmente, o número reduzido de regantes dispensa qualquer organização rígida da rega em dias e horas semanais.

O giro de rega semanal está associado a um quadro de direitos reconhecidos sobre a água, incluindo a sua propriedade. Se não vejamos: nos regadios em que a posse da água é incontestável, como é o caso da *Nora da Companhia no Olheiro*<sup>51</sup>, o regadio do *Pomar* e o *Morgado de Salir*, a água de rega era *engirada*, assim como (para os dois últimos casos) era conjunta a limpeza das levadas em dias combinados. Sendo que também entre os presumíveis donos da água do *Nascente* a rega era *engirada*.

Na situação actual do *Nascente*, podemos dizer que, é precisamente a ausência de regras rígidas no que concerne a horários e dias de rega estipulados, assim como a ausência de compromisso no que toca à manutenção conjunta das levadas, que possibilita um melhor entendimento entre os diversos regantes do regadio em questão, não havendo lugar para se exigir o que não está pré-definido.

A solidariedade e cooperação entre regantes manifestam-se especialmente em situações extremas, por exemplo no caso de doença que impossibilite alguém de ir regar, lavar, apanhar batatas, etc., grande parte das vezes sem ser necessário pedir. Entre regantes também se oferecem produtos da horta (fruta, hortaliças, etc.) nomeadamente quando a produção é excedentária e corre o risco de se estragar sem que o seu proprietário daí retire benefício. Trocam-se ainda conhecimentos e experiências agrícolas, cedem-se sementes e podas. Independente das relações de parentesco que os une, esta troca verifica-se geralmente entre os regantes que mantêm relações privilegiadas de amizade e afinidade.

A solidariedade tem no entanto o seu alcance e limites que é preciso ter em consideração. De modo a que possamos compreendê-los, foquemos as atenções no seguinte caso que poderia ter ocorrido em qualquer uma das freguesias em estudo e a propósito de outro bem que não a água:

**01 Agosto 2005, Extracto do diário de campo**

“Há mais de uma semana que a bomba de tirar água do furo de Catarina (80 anos, viúva e sem filhos) estava avariada. Durante esse espaço de tempo a velha senhora não ficou sem água; por um lado dispõe de água da rede, e por outro, pode ainda recorrer à água dos irmãos que residem paredes-meias com a sua casa, cada um deles com o seu furo próprio. Apesar disso, Catarina mostra-se desgostosa com o tempo que esteve privada da água do seu furo. A água da rede por vezes não é límpida (este ano tem vindo *ludra-turva*) e a idade já não lhe permite ir busca-la para

---

<sup>51</sup> Nesta nora a água é apenas *engirada* em anos de seca. Dos casos que temos conhecimento de águas *engiradas*, o conflito não está ausente.

beber à fonte, estes são os motivos apontados pela idosa para preferir a água do seu furo, acrescentando que “*não há nada como termos a nossa água!*”.

Uma das cunhadas, Maria, comenta que quando a sua primeira bomba avariou não teve dois dias sem água, mandou logo vir uma bomba nova, justificando: “*quando nos habituamos a ter a nossa água...é difícil passar sem ela*”, deixando subentender que não sabe como a cunhada conseguiu estar tanto tempo sem mandar arranjar a bomba. Júlia, outra cunhada, comenta com Maria em tom de crítica: “*p’ra quê que ela quer o dinheiro, p’ro outros irem buscá-lo!*” (...)

O caso relatado suscita algumas questões: Será que as necessidades de água de uma velha senhora, viúva e sem filhos, justificam os gastos na compra de uma bomba de tirar água para o seu furo? Mesmo que a idosa possuísse uma pequena horta no quintal, que não é o caso, não seria mais lógico que os irmãos que residem paredes-meias com a sua casa, cada um deles com o seu furo próprio, lhe cedessem água? A explicação não é tão linear.

O espaço de tempo que mediou a avaria e a reposição da nova bomba para o furo de Catarina, foi o suficiente para os envolvidos considerarem a cedência de água bastante. O prazo tido como razoável neste caso concreto, foi medido (pelos seus irmãos e cunhadas) em função do poder económico da viúva. Por sua vez, não dispor de um recurso alternativo à má qualidade da água da rede, de forma a garantir a autonomia da sua casa, gerou mal-estar a Catarina. Embora o limite da solidariedade seja difícil de definir e precisar, podendo variar de indivíduo para indivíduo, pode dizer-se que esse limite se encontra no ponto em que se geram sentimentos controversos entre os envolvidos: por parte de quem recebe, o sentimento de perda de autonomia; por parte de quem dá, o sentimento de abuso se o outro dispõe de recursos próprios.

Um dos regantes no *Nascente*, a propósito de um poço que possui de meias com outra pessoa nas hortas das *Terras Pretas*, queixava-se dos custos que teve de suportar sozinho para o arranjar porque o outro alegou não regar daí. Há trinta anos atrás, a aquisição conjunta daquele poço deveu-se à falta de dinheiro, caso contrário a opção teria sido pela posse individual. “*As meias é assim (...), é por isso que agente gostava de comprar a outra parte, para aquele poço ser só nosso, (...) não havia problemas*” desabafa o homem.

É neste sentido que nos parece residir a dificuldade dos regantes em acordarem quanto ao arranjo conjunto de uma passagem comum entre as hortas do *Nascente* de modo a evitar a danificação de alguns troços de levada pelos tractores e moto-cultivadoras quando se dirigem às hortas para executar algum serviço.

#### 4.3.6. Da diminuição da Área de Regadio – Interferências Externas

A diminuição da água de rega no regadio do *Nascente* é opinião corrente entre os seus actuais regantes assim como entre os habitantes e ex-habitantes da povoação do Almarginho, todos concordam que *antigamente havia mais água*<sup>52</sup>. Com frequência, num primeiro momento, foi referenciado pelos regantes que a redução da área de regadio da mina do *Nascente* estava directamente relacionada com a diminuição da água de rega, isto é, que o reduzido número de hortas cultivadas correspondia a uma diminuição, nas últimas décadas, de água disponível para regar.

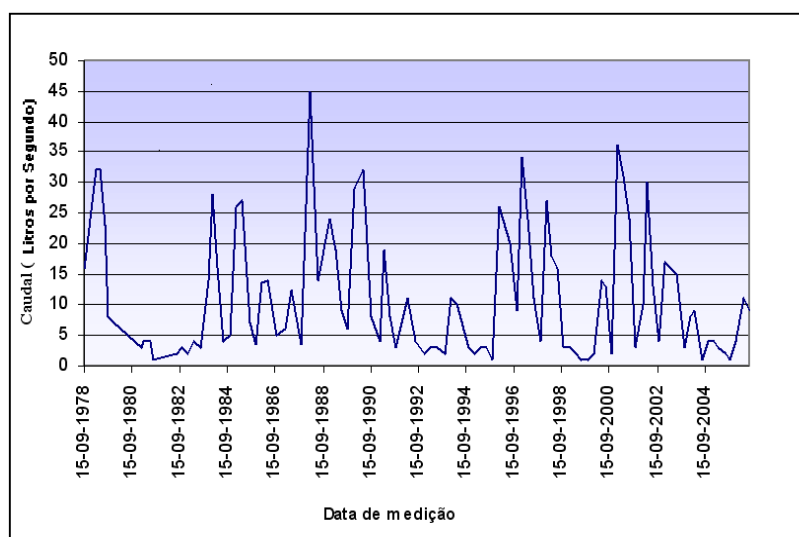
Assim, seria de esperar que o número de hortas aumentasse em 2006, resultante do aumento da regularidade e intensidade das chuvas durante todo o ano agrícola e consequentemente de uma maior disponibilidade de água de rega na mina. No entanto, o perímetro de rega no regadio do *Nascente* no ano agrícola de 2006 aumentou apenas em duas hortas (PR13 e PR24) comparativamente ao ano anterior, ano de seca severa. Vejamos então, que outras motivações se escondem atrás desta contradição contribuindo para a situação actual.

Como foi referido anteriormente, a emigração nos anos 60 (séc. XX) melhorou o acesso da população ao regadio aproximando hortas e casas, relegando para segundo plano muitas hortas localizadas nas áreas tradicionais (Prista, 1993). Na *Nave do Barão* foram perfurados inúmeros furos de captação de água subterrânea possibilitando a transformação de terrenos de sequeiro em terras de regadio, provocando consequentemente o abandono das hortas do *Almarge* regadas com a água do *Nascente*. Mais tarde, a entrada de Portugal na CEE em 1986 permitiu a colocação no mercado nacional de produtos hortícolas a baixos custos o que contribuiu para a diminuição geral da produção. Apesar do investimento por parte dos ex-emigrantes em terras de horta aquando do seu regresso, a viragem na economia regional fez descer o valor das propriedades agrícolas regadas.

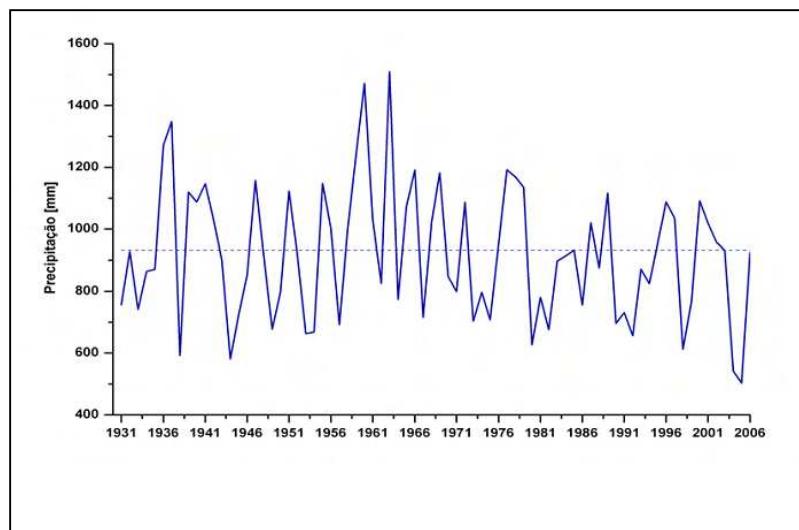
Desta forma, ao que tudo indica, a diminuição da área de rega deste regadio parece relacionar-se mais com factores de ordem social do que com factores de ordem natural. Porém, antes de nos precipitarmos numa conclusão, veja-se o que nos revelam os dados relativos à variação do caudal da água da mina do *Nascente* entre 1978 e 2006, comparando-os depois com os valores da variabilidade interanual da precipitação em Portugal Continental para os mesmos anos (fig. 5 e 6):

---

<sup>52</sup> Opinião extensível aos habitantes de outras povoações da área em estudo relativamente à água disponível na região, sendo comum a expressão: “*no outro tempo, até os moirais criavam limos nos chapéus*”.



**Figura 5** – Variação do Caudal do ‘Nascente’ entre 1978 e 2006. FONTE: CCDRALgarve



**Figura 6** – Variabilidade interanual da precipitação em Portugal Continental entre 1931 e 2006 (a tracejado o valor médio no período 1961-1990). FONTE: Instituto de Meteorologia, I.P. Portugal., retirado de <http://www.meteo.pt>

A variação do caudal do *Nascente* entre 1978 e 2006 (fig. 5) mostra-nos que anos de baixo caudal (1980-81, 1984, 1987, 1989, 1992-93, 1999, 2005) intercalam consecutivamente com anos de caudal abundante (1979, 1983, 1985, 1997, 2001, 2006), no entanto, os valores mínimos do caudal registados por um período aproximado de trinta anos não chegam a ser negativos. Se pensarmos que na Serra xistosa as variações de caudal entre 0 e 2 Litros são tidas como uma boa captação tendo em vista a baixa permeabilidade dos solos<sup>53</sup>, aqueles valores podem não ser considerados alarmantes.

Comparando a informação contida nas duas figuras (5 e 6), vemos que os picos de caudal da água do *Nascente* correspondem a picos de precipitação (1978-79, 1985, 1996-97,

<sup>53</sup> Fonte CCDRALgarve.



2001, 2006), assim como os baixos níveis do seu caudal a períodos de baixa precipitação ou seca (1980-81, 1992, 2004-05), verificados à escala nacional. Deste modo, independentemente das especificidades regionais, depreender-se que os fenómenos climáticos extremos (secas, cheias) que têm afectado ciclicamente esta área do Barrocal Algarvio (sejam eles típicos ou atípicos) não podem ser analisados como fazendo parte exclusivamente de uma área tão restrita como os limites administrativos de uma Freguesia, de um Conselho, de uma Sub-Região, ou mesmo da Região Algarvia, devendo ser inseridos na irregularidade climática característica dos climas mediterrânicos; embora seja à escala micro que se consegue perceber de que modo esses fenómenos afectam a vida quotidiana das populações locais, como estas os percebem e o modo como lhes fazem face.

Todavia, para a área em análise, indicadores mencionados pela população apontam para a diminuição efectiva da água de rega nos últimos 40/50 anos. Infelizmente não possuímos dados estatísticos respeitantes ao caudal da *Mina do Nascente* que nos permitam apreciar a sua evolução nos últimos cem anos.

Segundo dizem os mais idosos, houve um tempo em que a água da mina atravessava a *ribeira do Barranção* até à *Tramagueira* onde ia regar hortas; e antes disso, a água foi aproveitada para fazer moer o *Moinho* aí existente dado que a água da ribeira era muito incerta<sup>54</sup>. Mais recentemente, quando alguém se encontra a regar da *Nora dos Valentos* localizada alguns metros a montante, o caudal do *Nascente* diminui visivelmente. A diminuição da água é também notada para toda a área envolvente ao *Nascente*: actualmente as noras do *Barranco* raramente *deitam água pelos infernos* ao contrário de outros tempos. O primeiro furo no *Almarginho* data de 1966, desde então inúmeros outros foram abertos (geralmente de pouca profundidade – 60m no máximo, 10m na generalidade), havendo casos em que os proprietários mandaram abrir dois e três furos por não encontrarem água suficiente no primeiro. Uma idosa comentava acerca de um dos seus furos (com localização a montante da Mina) que a água é a mesma que corre pelo *Nascente* pois tem o mesmo sabor, e além disso quando o furo foi perfurado a água do *Nascente* ficou *ludra* (ruiva).

As causas apontando para a descida das águas encontram justificação por um lado nas captações de água subterrânea cada vez mais profundas que foram neutralizando anteriores sistemas de captação de água, por outro chover menos: “*Agora os furos além para Benafim*<sup>55</sup> *chupam a água, pronto, e os anos não são anos de inverna. No outro tempo chovia aí três meses todos os dias, todos os dias água, todos os dias água, e agora? Os depósitos lá em*

---

<sup>54</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>55</sup> Freguesia vizinha localizada a montante.

*baixo estavam cheios!*”. Outros informantes acusam as inúmeras barragens localizadas no sopé de alguns cerros da Serra confinante, de impedirem o escoamento natural das águas da chuva<sup>56</sup>. Também os furos públicos (localizados junto ao *Olho*) que abastecem a freguesia de Salir são acusados de provocar a diminuição da água de rega no *Nascente*. Estes mesmos furos são igualmente considerados responsáveis pela diminuição de água na *Ribeira do Corte Neto* (Ribeira dos Moinhos) a jusante do *Morgado* e do *Pomar de Salir*, desta feita pelos proprietários de terra daquela zona. Deste modo, a interferência exercida pelas águas a montante às águas a jusante aparece como denominador comum entre os indicadores frequentemente apontados pela população para a diminuição efectiva da água de rega no *Nascente*.

Depois do que foi referido, podemos dizer que as interferências externas à diminuição da área de regadio no *Nascente* são de vária ordem: económica, política, social, alterações climatéricas globais, intersecções territoriais, avanços tecnológicos.

### **Reflexão final 3**

Ao contrário das hortas localizadas no quintal das casas, as hortas deste regadio colectivo incitam à sociabilidade. Por um lado, aceder-lhes (para regar ou ir à água para beber...) exige a circulação de pessoas pelos campos tornando inevitável o encontro entre elas; por outro, o uso comum da água de rega obriga ao relacionamento inter-pessoal não só pela partilha da água como pela partilha de infra-estruturas comuns. Deste modo, enquanto local de efervescência social, o estudo da organização deste regadio permitiu compreender processos sociais como a cooperação e a solidariedade, a rivalidade e o conflito, cujas características podem extrapolar-se para outros contextos da vida social na sociedade rural em estudo. Tendo ainda sido possível percepcionar mudanças conjunturais a que esta sociedade esteve sujeita ao longo de todo o século XX até à actualidade. Assim, podemos dizer que o estado de conservação e tipo de funcionamento de determinado regadio colectivo num momento dado reflecte a sociedade onde está inserido<sup>57</sup>. O *Nascente* esteve sujeito a

---

<sup>56</sup> Alguns habitantes aproveitam a seu favor a posição privilegiada desta zona de contacto com a Serra vizinha, construindo barragens em terrenos de xisto cuja água é depois canalizada em tubagens até à sua horta em terra de várzea.

<sup>57</sup> A transformação de antigos regadios colectivos em complexos turísticos com campos de golfe, de que na área em estudo são exemplo a *Quinta da Ombria* e o *Moinho das Romeiras*, com as obras a decorrer para breve em principio, são o reflexo do incremento do turismo em meio rural no interior Algarvio como forma de diversificação do chamado turismo sol e praia. Assim, alguns destes regadios seguem hoje outros fins económicos, sociais e políticos.

contínuas readaptações no que se refere à área regada, aos cultivos semeados e regime de exploração da terra adoptado.

Conforme foi avançado no capítulo anterior, vista nas suas diversas dimensões, podemos considerar “*a rega um facto social total*” (Wateau, 2000). Em concreto, eis alguns domínios da vida social local (interligados entre si) percepcionados através da organização do regadio do *Nascente*:

**(1) Relacional** – Nas hortas do *Nascente* ou a caminho delas, vizinhos e parentes trocam entre si cumprimentos, preocupações, novidades,...afectos. Sabe-se de enterros, casamentos, divórcios... transmitem-se saberes agrícolas. E para quem observa apercebe-se do tipo de relacionamento, dentro e fora do regadio, que se estabelecem entre eles.

De acordo com a genealogia de parentesco efectuada para os actuais regantes do *Nascente*, a quase totalidade destes regantes são parentes, alguns até em grau muito aproximado (pai e filho, irmãos, primos, cunhados); no entanto, as suas posições no regadio não decorrem de um processo de transmissão de terras, mas de aquisição e arrendamento. O que significa que houve um factor de escolha explícita em ir para ali, e quando interrogados sobre isso, estas pessoas argumentam que, regressados do ciclo migratório, fizeram-no porque, por um lado já eram lá residentes, por outro a qualidade das terras justificava-o. O que nos leva a pensar que o acesso ao binómio terra/água foi conduzido mesmo que não consciente ou intencionalmente pela mesma lógica de parentesco que já estava em parte expressa nas anteriores vizinhanças residenciais. É como se o estatuto de co-regante rematasse uma propensão para fazer coincidir a proximidade familiar e residencial, propensão esta que muito provavelmente exprime uma lógica de coerência territorial e ecológica através da qual se manifesta uma lógica de parentesco ainda que não absolutamente reconhecida pelos co-regantes.

**(2) Económico** – A agricultura nestas pequenas hortas do *Nascente* afigura-se-nos hoje uma actividade praticada sobretudo por uma população reformada, ex-emigrante, com ligações profundas à terra e ao mundo rural, mas que deixou de depender da agricultura para sobreviver. A degradação das infra-estruturas reflecte ainda a menor dependência dos agricultores face à água de rega em comum, ao dispor de águas próprias;

**(3) Jurídico** – A ausência de regras rígidas e a flexibilidade que sempre caracterizou o funcionamento do regadio do *Nascente* até à actualidade está, a nosso ver, por um lado estritamente relacionada com a pluriactividade económica em que sempre viveram estas populações; por outro lado, a indeterminação da propriedade da água parece ir no mesmo sentido, portanto a proveniência da água de rega condiciona o tipo de partilha;

**(4) Tecnológico** – Dado que as levadas dos *Nascente* seguem dois fins opostos, sendo ao mesmo tempo canais de rega e de drenagem, as tensões sociais podem advir da minguagem ou do excesso de água a circular pelas levadas, ocorrendo preferencialmente entre os regantes localizados a jusante e os localizados a montante. Deste modo, o próprio sistema tecnológico deste regadio aliado à incerteza meteorológica que ao Algarve está associada, é gerador de conflitos que a propriedade individual da água de rega tenta evitar;

**(5) Simbólico** – Apesar de a posse de uma horta junto à casa no quintal ser hoje a regra, a antiga zona de hortas do *Nascente* continua a cultivar-se. Parece mesmo existir um limite mínimo do número de regantes relacionado com a preocupação em manter o regadio activo, assegurando a sua manutenção mínima. Por outro lado, além dos regantes habituais, há quem, mesmo não semeando naquelas hortas não deixe de as lavar para não permanecerem ao abandono, pela “*vergonha*” e perda de prestígio social que isso pode representar.

